

PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E REESTRUTURAÇÃO DA CIDADE: PETROLINA/PE NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA

PRODUCTION OF URBAN SPACE AND RESTRUCTURING OF THE CITY: PETROLINA/PE IN THE CONTEXT OF CONTEMPORARY GLOBALIZATION

PRODUCCIÓN DEL ESPACIO URBANO Y REESTRUCTURACIÓN DE LA CIUDAD: PETROLINA/PE EN EL CONTEXTO DE LA GLOBALIZACIÓN CONTEMPORÂNEA

// RESUMO

A globalização é, há algum tempo, o foco de diversos estudos nas ciências sociais. As relações entre a urbanização e as transformações globais vêm ganhando notoriedade diante do papel desenvolvido pelas cidades no mundo contemporâneo. A produção do espaço urbano, assim, contribui para elucidar os nexos existentes entre as escalas urbana, nacional e internacional, que reverberam na morfologia urbana e no processo de estruturação espacial das cidades. Este artigo analisa a reestruturação da cidade de Petrolina (PE) buscando situá-la no contexto da globalização contemporânea. Nesse sentido, o artigo argumenta que Petrolina tem se enquadrado num contexto global de reestruturação, com a reprodução das desigualdades socioespaciais por meio da segregação e autosegregação espacial e novas formas de moradia, por um lado, e pela instalação de vultosos capitais fixos dos setores comerciais e varejistas multiescalares, por outro. Assim, aborda-se a geografia histórica da urbanização de Petrolina e a transformação urbana contemporânea, tendo em vista as conexões entre a globalização, a urbanização e a relação dialética entre centro e periferia no espaço urbano.

Palavras-chave: produção do espaço, urbanização, centro, periferia, Petrolina

AUTOR

Claudio Smalley Soares Pereira 

FILIAÇÃO INSTITUCIONAL

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
CEARÁ (UECE)

E-MAIL

claudio.smalley@uece.br

DATA DE SUBMISSÃO: 26/ 09/23

DATA DE APROVAÇÃO: 19/02/25

DOI: 10.12957/GEOUERJ.2025.73812



E-ISSN 1981-9021

ESTE É UM ARTIGO DE ACESSO ABERTO
DISTRIBUÍDO SOB OS TERMOS DA LICENÇA
CREATIVECOMMONS BY-NC-SA 4.0, QUE
PERMITE USO, DISTRIBUIÇÃO E REPRODUÇÃO
PARA FINS NÃO COMERCIAIS, COM A CITAÇÃO
DOS AUTORES E DA FONTE ORIGINAL E SOB
A MESMA LICENÇA.

// ABSTRACT

For some time now, globalization has been the focus of several studies in social sciences. The relations between urbanization and global transformations have been gaining notoriety in view of the role developed by cities in the contemporary world. Thus, the production of urban space contributes to elucidating the existing links between the urban, national and international scales, which reverberate through the urban morphology and the process of spatial structuring of the cities. This article analyzes the restructuring on the city reshaping of Petrolina (PE, Brazil) by seeking to situate it in the context of contemporary globalization. In this sense, the article argues that Petrolina has been being framed in a context of global restructuring with socio-spatial inequalities reproduction by spatial segregation and self-segregation and new housing forms, on the one hand, and by the installation of huge fixed capital of the multi-scalar retail and commercial sectors, on the other hand. In this way, the historical geography of Petrolina's urbanization and the contemporary urban transformation are addressed in view of the links between globalization, urbanization and the dialectical relationship of urban center and periphery.

Keywords: production of space, urbanization, center, periphery, Petrolina

// RESUMEN

La globalización ha sido, desde hace algún tiempo, el foco de varias investigaciones en las ciencias sociales. La relación entre urbanización y transformaciones globales ha ido ganando notoriedad, en vista del rol que juegan las ciudades en el mundo contemporáneo. La producción del espacio urbano, por lo tanto, contribuye a dilucidar los vínculos existentes entre las escalas urbana, nacional e internacional, que repercuten en la morfología urbana y en el proceso de estructuración espacial de las ciudades. En este artículo, se analiza la reestructuración de la ciudad de Petrolina (PE, Brasil), buscando ubicarla en el contexto de la globalización contemporánea. En este sentido, se plantea que Petrolina ha sido enmarcada en un contexto global de reestructuración, con la reproducción de las desigualdades socioespaciales, a través de la segregación espacial y la auto-segregación, con nuevas formas de vivienda, por un lado, y la instalación de grandes capitales fijos de los sectores comercial y minorista multiescalares, por el otro. Así, se aborda la geografía histórica de la urbanización de Petrolina y la transformación urbana contemporánea, teniendo en cuenta las conexiones entre globalización, urbanización y la relación dialéctica entre centro y periferia en el espacio urbano.

Palabra Clave: producción del espacio, urbanización, centro, periferia, Petrolina

INTRODUÇÃO

No contexto da globalização capitalista contemporânea, a produção do espaço assume um papel central na produção e reprodução econômica. Este artigo segue a linha de argumentação desenvolvida em torno da ideia de que a lógica contemporânea da produção do espaço está articulada com as dinâmicas globais do modo de produção, e uma das consequências mais claras de tal articulação é a reestruturação dos espaços urbanos.

Este artigo toma essa argumentação como pressuposto para a análise da cidade de Petrolina, no Estado de Pernambuco. O objetivo é situar a cidade no contexto da globalização, tendo em vista a produção do espaço urbano e as transformações recentes que sugerem uma reestruturação da cidade em curso. Para tal, a pesquisa foi desenvolvida com o intuito de contribuir para uma compreensão mais detalhada de Petrolina, que, apesar de ser uma cidade importante no que diz respeito aos processos econômicos, políticos e sociais do Nordeste, tem sido vista muito mais pelas lentes de uma certa geografia regional que compreende o papel desempenhado pelo campo e as dinâmicas da fruticultura irrigada para exportação, deixando pouco espaço para a análise mais profunda dos problemas da produção do espaço urbano.

Nesse sentido, os problemas da segregação urbana, autosegregação e fragmentação socioespacial, da expansão periférica, da incorporação da natureza como mercadoria e das transformações propiciadas pelo comércio moderno raramente têm sido alvo de pesquisas que focalizam Petrolina. Este artigo é uma contribuição nesta direção, trazendo para o primeiro plano da análise o espaço urbano e os processos a ele atinentes.

Para atingir tais objetivos, o texto foi estruturado em quatro partes. Na primeira, lançamos os pressupostos teórico-metodológicos que orientam a análise empírica. Na segunda parte o foco recai sobre o processo de estruturação urbana, trazendo para o primeiro plano a geografia histórica da urbanização de Petrolina. Na terceira parte, discutem-se as contradições e desigualdades socioespaciais na produção do espaço urbano. Por fim, na última parte, analisa-se a reestruturação da cidade por meio da relação dialética centro-periferia a partir do papel desempenhado pelas atividades de comércio e serviços no que diz respeito às lógicas espaciais de produção, consumo e habitação.

PRODUÇÃO DO ESPAÇO E AS FUNÇÕES DO ESPAÇO NO CAPITALISMO

As questões metodológicas e teóricas que assentam este artigo estão embasadas na teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre (1976, 2000). Essa teoria auxilia a compreensão da geografia histórica da urbanização de Petrolina, como buscaremos demonstrar, com base nos processos espaço-temporais que produzem a cidade no contexto da globalização capitalista.

Essa teoria sustenta que o espaço é uma produção social, ao mesmo tempo que engendra novas relações sociais e intervém na reprodução do capital e das relações sociais de produção e

reprodução (LEFEBVRE, 1976, 2000). Considerado desta forma, o espaço precisa ser pensado como o resultado de uma multiplicidade de ações, práticas e estratégias (coletivas e individuais) que intervêm na forma como as relações sociais de produção e reprodução se constituem, apontando possibilidades de transformação utópicas ou interditos, travas, barreiras etc.

Para Lefebvre (1976), o espaço do capitalismo e do neocapitalismo tem várias funções. Uma primeira função do espaço capitalista é servir como um “meio de produção”. Nessa condição, “usa-se o espaço como uma máquina”, uma vez que ele se refere a “redes de trocas, fluxos de matérias primas e de energia que fazem o espaço e são determinados por ele” (p. 13). Assim, o espaço está diretamente ligado às forças produtivas e interfere decisivamente na cidade e na realidade urbana, no planejamento territorial por meio do poder, da técnica, do saber e da divisão do trabalho em múltiplas escalas.

Uma segunda função é o espaço como objeto de consumo. Há um consumo produtivo do espaço por meio da produção de diversos equipamentos que são destinados ao lazer e ao turismo. Assim, passa-se, segundo Lefebvre (1976, p. 13-14), do “espaço da produção ao espaço do consumo”, referindo-se, por exemplo, à ida “à montanha ou à praia”.

Uma terceira função diz respeito ao espaço como “um instrumento político”, tomado pelo Estado, que o administra, o controla de forma policial e organiza a hierarquização dos lugares, “a homogeneidade do conjunto e a segregação das partes” (LEFEBVRE, 1976, p. 14), que se expressam na hierarquia das classes sociais. Assim, o espaço é um “instrumento político de primeira importância” (p. 14).

Por fim, uma última função, fundamental à luz da teorização de Lefebvre, é que “a luta de classes intervém na produção do espaço [...] mais do que nunca, a luta de classes se lê no espaço” (LEFEBVRE, 1976, p. 14). Nisso se dá a concepção à produção do espaço no âmbito do capitalismo, em que as forças produtivas e as relações sociais de produção e reprodução têm uma existência espacial que se realiza em múltiplas escalas, do nível imediato e vivido ao nível internacional e mundial, mediante a “explosão dos espaços” (p. 15).

A principal contradição no processo de produção do espaço é que ele é globalmente produzido, pelo Estado e pelo capitalismo, mas é fragmentando e pulverizado, decorrente das relações de produção capitalistas e, enquanto propriedade privada, é comprado e vendido no mercado (LEFEBVRE, 1976, p. 14, 2000, p. 410).

As cidades e a realidade urbana devem ser analisadas em uma perspectiva multiescalar, já que inseridas na lógica do “espaço abstrato” lefebvriano, articulando processos globais de produção, circulação, distribuição e consumo. Nesse sentido,

O capitalismo e o neocapitalismo produziram o espaço abstrato que contém o mundo da mercadoria, sua lógica e suas estratégias à escala mundial, ao mesmo tempo que o poder do dinheiro e aquele do Estado político. Este espaço abstrato se apoia sobre as enormes redes de bancos, de centros de compras, de grandes unidades de produção. E também sobre o espaço das autopistas, dos aeródromos, das redes de informação. Neste espaço, a cidade, berço da acumulação, lugar da riqueza, sujeito da história, centro do espaço histórico explodiu. (LEFEBVRE, 1976, p. 13)

Assim, compreendo a globalização como um processo que, segundo Harvey (2006, p. 81-87), constitui “uma nova fase” da “produção capitalista de espaço”, na qual as “relações espaciais, de reorganização territorial e de sistemas de lugares ligados por meio de uma divisão ‘global’ do trabalho e funções” é “apropriada à própria dinâmica de acumulação” (p. 87). Essa ideia de “desenvolvimento geográfico desigual” em múltiplas escalas como parte da dinâmica da globalização capitalista (HARVEY, 2006; SMITH, 2020) é importante para se compreender a cidade de Petrolina, como se verá adiante.

É importante, portanto, pensar no pressuposto de que a reestruturação da cidade é parte constitutiva da produção do espaço do capitalismo contemporâneo, e os capitais que produzem a cidade, sejam eles industriais, comerciais e os investimentos no setor imobiliário, figuram no rol dos agentes importantes que definem e redefinem as lógicas de produção e reprodução econômica e espacial da “urbanização do capital” (HARVEY, 2014).

PETROLINA/PE: PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E (RE)ESTRUTURAÇÃO DA CIDADE

Encravada no sertão nordestino, no Vale do Submédio São Francisco, em Pernambuco, Petrolina constitui-se como o espaço geográfico privilegiado da análise aqui desenvolvida sobre o processo de urbanização. Para a realização desta investigação, é necessário situar o processo histórico-geográfico no qual esta cidade está inserida, ainda que brevemente.

Conhecida pela sua inserção global no âmbito da fruticultura irrigada e do agronegócio¹, Petrolina tem uma importância fundamental na região em que se encontra, no âmbito da oferta de comércio e serviços especializados (DOMINGUES, 1989; GOMES, 2007; CRUZ, 2013; SANTOS FILHO, 2020). Juntamente com Juazeiro/BA, concentra uma atividade econômica que polariza um vasto território no interior nordestino, o qual tem como característica uma rede urbana frágil com muitas cidades pequenas e que, por diversas razões, direcionam as articulações em múltiplas escalas geográficas no seio das divisões territoriais do trabalho do período da globalização.

Segundo a Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco — CONDEPE/FIDEM (2020), Petrolina se destaca dos demais municípios e cidades da Região de Desenvolvimento do Sertão do São Francisco (tabela 1). O município possui um Produto Interno Bruto em 2020 de R\$ 6,879 bilhões, representando 3,56% do Produto Interno Bruto estadual. Petrolina é o sétimo maior PIB do Pernambuco, e o terceiro maior fora da Região Metropolitana do Recife. Do ponto de vista dos setores, o Valor Adicionado Bruto (VAB) apresentou a agropecuária com 16,19%; a indústria com 12,26%; e os serviços, 71,54% (CONDEPE/FIDEM, 2020, p. 26).

1. A título de exemplo, ressalto o investimento de R\$ 125 milhões da Bayer na ampliação de um centro de pesquisa em Petrolina, com 200 hectares (equivalente a 330 campos de futebol), em 2022. Esse centro de pesquisa é um dos quatro maiores da empresa do mundo e o maior de agricultura tropical no Hemisfério Sul e tem como foco a produção de soja e milho híbridos e biotecnologia (BAYER, 2022). Ver também o estudo da consultoria Urban Systems e da Revista Exame, que destaca Petrolina como a melhor cidade do Brasil para o agronegócio em 2021 (URBAN SYSTEMS, 2021, p. 53, p. 55).

No âmbito da rede urbana, o arranjo populacional que Juazeiro e Petrolina constituem revela uma articulação regional amplamente conectada, devido à oferta de serviços, comércio e demais atividades econômicas que lhe dão uma importância regional significativa no Nordeste brasileiro. Ambas apresentam, de longe, os melhores índices socioeconômicos na Rede Integrada de Desenvolvimento Econômico (RIDE) Petrolina-Juazeiro, segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano nas Regiões Metropolitanas Brasileiras (ATLAS, 2017, p. 33-40), configurando um verdadeiro “desenvolvimento desigual” (SMITH, 2020) em escala regional. Nos estudos das Regiões de Influência das Cidades (REGIC) (IBGE, 2020), observa-se um reforço do ponto de vista da centralidade das duas cidades na rede urbana, atreladas às conexões com as metrópoles brasileiras, notadamente Recife (figura 1).

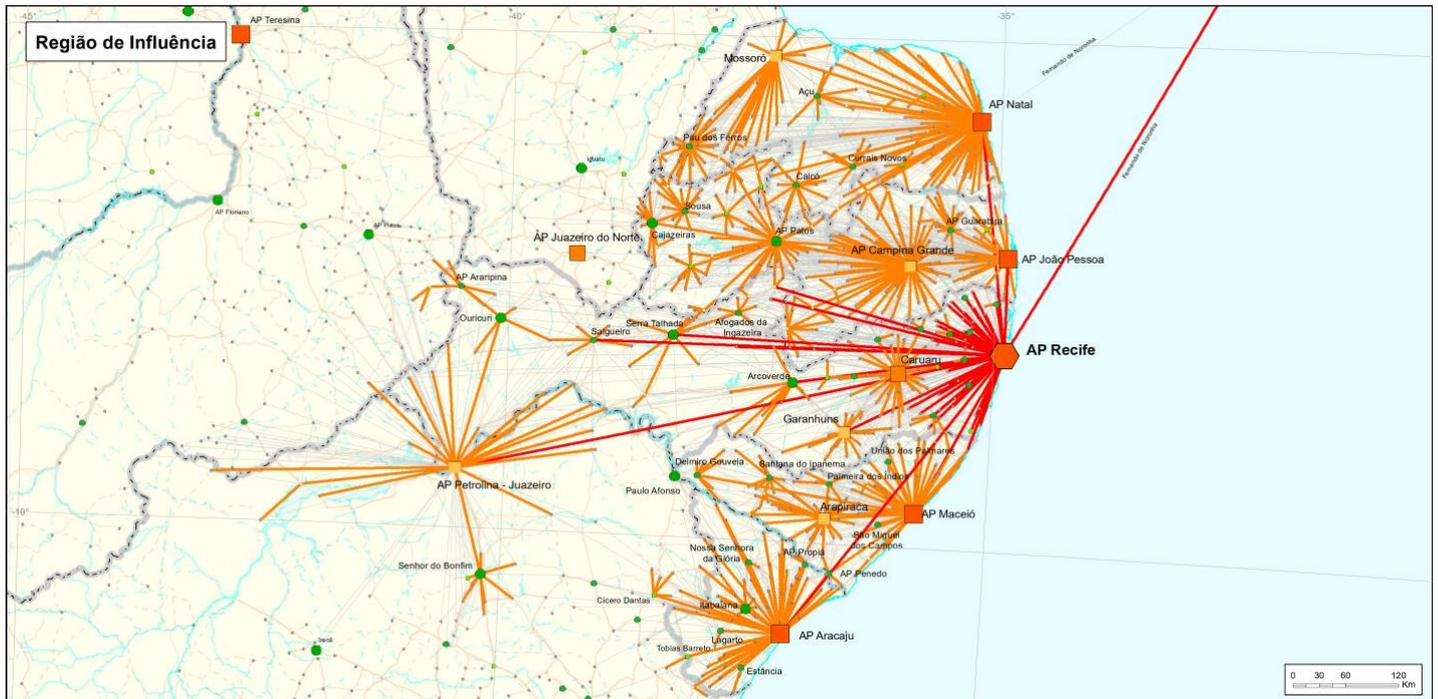
Tabela 1. Valor Adicionado Bruto (em mil reais) do Estado, da Região de Desenvolvimento do Sertão do São Francisco e dos municípios (2020)

	VAB (em mil reais)												PIB		PIB per capita (R\$)				
	Agropecuária	%		Indústria	%		Serviços sem APU*	%		APU	%		Serviços (total)	%			PIB (em mil reais)	%	
Pernambuco	8.661.859,32	100,00%	-	34.048.335,57	100,00%	-	79.777.759,04	100,00%	-	42.281.155,24	100,00%	-	122.058.914,27	100,00%	-	193.307.317,29	100,00%	-	20.101,38
Sertão do São Francisco	1.482.980,75	17,12%	100,00%	920.680,31	2,70%	100,00%	3.441.460,77	4,31%	100,00%	2.229.297,08	5,27%	100,00%	5.670.757,84	4,65%	100,00%	8.929.269,75	4,62%	100,00%	17.480,61
Afrânio	20.803,63	0,24%	1,40%	83.261,73	0,24%	9,04%	62.784,71	0,08%	1,82%	90.676,48	0,21%	4,07%	153.461,19	0,13%	2,71%	272.961,63	0,14%	3,06%	13.778,98
Cabrobó	41.777,44	0,48%	2,82%	17.232,37	0,05%	1,87%	154.318,27	0,19%	4,48%	149.696,03	0,35%	6,71%	304.014,30	0,25%	5,36%	406.205,73	0,21%	4,55%	11.773,06
Dormentes	17.937,27	0,21%	1,21%	9.062,69	0,03%	0,98%	81.012,48	0,10%	2,35%	84.892,51	0,20%	3,81%	165.904,99	0,14%	2,93%	222.530,60	0,12%	2,49%	11.663,64
Lagoa Grande	128.207,94	1,48%	8,65%	21.831,52	0,06%	2,37%	90.439,18	0,11%	2,63%	115.515,26	0,27%	5,18%	205.954,44	0,17%	3,63%	380.782,73	0,20%	4,26%	14.731,04
Orocó	50.946,30	0,59%	3,44%	8.262,44	0,02%	0,90%	33.494,66	0,04%	0,97%	73.137,40	0,17%	3,28%	106.632,07	0,09%	1,88%	175.355,32	0,09%	1,96%	11.573,08
Petrolina	999.359,69	11,54%	67,39%	756.807,26	2,22%	82,20%	2.905.548,77	3,64%	84,43%	1.509.558,71	3,57%	67,71%	4.415.107,48	3,62%	77,86%	6.879.661,03	3,56%	77,05%	19.416,68
Santa Maria da Boa Vista	223.948,48	2,59%	15,10%	24.222,30	0,07%	2,63%	113.862,69	0,14%	3,31%	205.820,69	0,49%	9,23%	319.683,38	0,26%	5,64%	591.772,71	0,31%	6,63%	14.056,36

* Administração Pública.

Obs.: as comparações a cada informação econômica são em relação ao Estado de Pernambuco (primeira coluna após o dado absoluto) e em relação à Região de Desenvolvimento (segunda coluna, ao lado da primeira).

Fonte: Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco — CONDEPE/ FIDEM (2020, p. 45-50). Adaptado pelo autor.

Figura 1. Arranjo Populacional do Recife/PE - Metr pole (1C)²

Fonte: IBGE (REGIC, 2020, p. 32).

Em sua pesquisa a respeito da dialética tradi o-modernidade, Andrade (1982) analisou de forma detalhada a região do submédio São Francisco, onde estão situadas geograficamente Juazeiro/BA e Petrolina/PE. Segundo o autor, a expansão do modo de produ o capitalista e das rela es sociais a ele associadas tiveram um rápido desenvolvimento após a Segunda Guerra Mundial. O Estado foi (e ainda  ) um agente fundamental da produ o do espaço nesta região, por meio de diversas interven es espaciais que facilitaram a expansão do capitalismo e suas contradi es, materializadas também na produ o da cidade.

De acordo com Andrade (1982), podem ser identificadas três grandes transforma es fundamentais na produ o do espaço do Vale do Submédio São Francisco que, de algum modo, repercutem ainda hoje no território e, para os fins deste artigo, na produ o e reprodu o do espaço urbano. Trata-se, em primeiro lugar, da “constru o de usinas hidrelétricas”, que se traduziu em uma preocupa o com a produ o de energia elétrica (a barragem de Sobradinho aqui tem um significado expressivo); em segundo lugar, da constru o de estradas asfaltadas por meio de interven o governamental direta, visando a quebrar o isolamento; e, por fim, da implanta o de uma agricultura irrigada, visando a atender aos “interesses das popula es ribeirinhas”, mas provocando, também, a “a o de empresas com grandes projetos” (ANDRADE, 1982, p. 22, p. 92). Essas três grandes transforma es podem ser entendidas como

² No estudo das REGIC produzido pelo IBGE (2020), a hierarquia urbana brasileira   dividida em cinco grandes níveis: metrópoles, capitais regionais, centros sub-regionais, centros de zona e centros locais. No primeiro grande nível, há três subdivisões: Grande Metr pole Nacional, Metr pole Nacional e Metr pole. Este último   o nível 1C, no qual o Arranjo Populacional de Recife se insere.

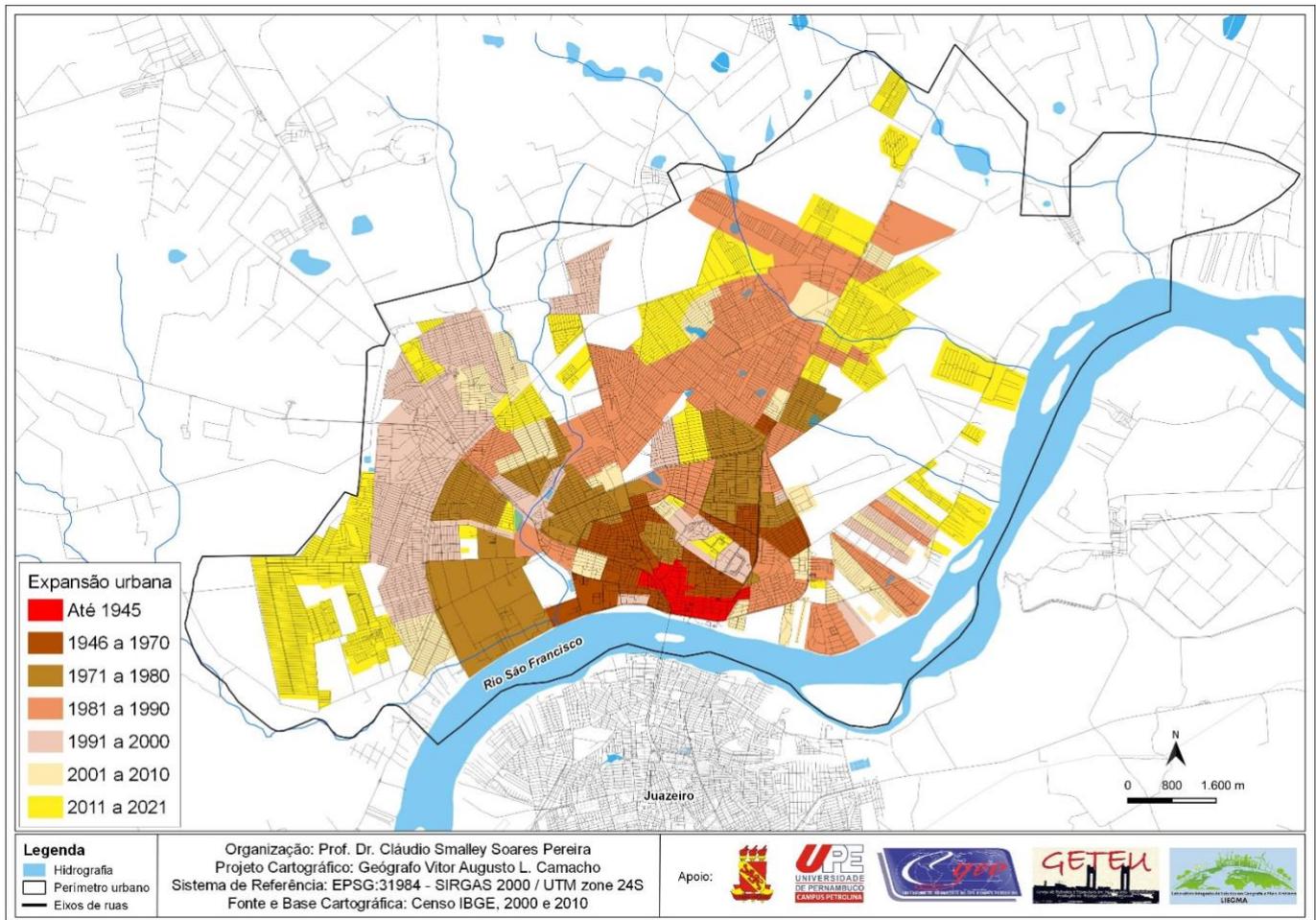
condicionantes para o crescimento e expansão da cidade de Petrolina e contribuíram para a atração de investimentos industriais, financeiros e do comércio varejista moderno.

A expansão da cidade de Petrolina tem muitas relações com o papel do Rio São Francisco (figura 2). O centro da cidade, uma área bastante dinâmica do ponto de vista comercial e econômico, é onde estão registradas o que ainda resta da origem da cidade: as rugosidades urbanas. A área do centro conhecida como “Petrolina Antiga” revela na sua paisagem as marcas de uma expansão urbana que foi extremamente rápida após a segunda metade do século XX, notadamente entre 1950 e 1980, quando a cidade recebeu milhares de migrantes e investimentos públicos que atraíram tanto pessoas quanto empresas capitalistas e instituições públicas (DOMINGUES, 1989).

A expansão periférica foi marcante e, inclusive, destacada por Andrade (1982, p. 22), ao afirmar que os estabelecimentos comerciais e industriais “se concentram na área periférica à cidade, contribuindo para seu crescimento populacional”. Petrolina saltou de 7.616 habitantes em 1950 para 74.671, em 1980, se tornando a única cidade com uma taxa de urbanização acima de 50% na microrregião do Sertão Pernambucano do São Francisco, no ano de 1980. Atualmente, o município tem 386.786 habitantes, conforme o IBGE (2022). Esse intenso crescimento populacional até a década de 1980 referiu-se, para Andrade (1982, p. 23), ao “fenômeno da fuga do campo para a cidade, em grande parte estimulado [...] pela modernização das atividades agrícolas, em consequência do avanço da penetração do modo de produção capitalista no campo”. Escrevendo no fim dos anos 1980, Domingues (1989, p. 78) pontuou: “a maioria dos trabalhadores [dos perímetros irrigados] são diaristas que moram sobretudo na periferia da cidade de Petrolina”, que migraram para a cidade em razão da concentração fundiária no campo e dos investimentos públicos e privados em diversos setores da economia.

Desde os anos 1960, com os investimentos estatais na produção do espaço urbano e regional, notadamente com as infraestruturas de energia e de modernização agrícola associadas ao II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND) e à atuação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF), o crescimento demográfico foi gigantesco, fruto de migrações. Associado a isso, na década de 1970, não só a região em que Petrolina está inserida, mas a cidade em si, “dirigida patriarcalmente” com “a concentração de poder numa única família”, passavam a estreitar os laços econômicos com o capital internacional, mediante sua “integração na economia nacional e mundial” e demonstrando interesse dos capitais multinacionais estrangeiros (CHILCOTE, 1991, p. 1-2).

Figura 2. Petrolina: expansão urbana de 1870-2021.



Fonte: Elaboração própria

O produto das ações do Estado na produção do espaço reverberou na migratória. Conforme ressaltou Cruz (2013, p. 48), do ponto de vista demográfico, “a taxa de crescimento no período de 1970 a 2010 foi de 379,92%”, tornando Petrolina, portanto, um “polo de atração regional” e de acumulação do capital desde os anos 1970. Se considerarmos o período 1970-2020, o crescimento foi de 478,5% (SANTOS FILHO, 2021, p. 141). Essa dinâmica demográfica se refletiu na estruturação da cidade, visto que impactou diretamente na inversão da relação entre a população rural e urbana que, até os anos 1960, concentrava-se mais no campo. Assim, observa-se “o elevado crescimento da taxa de urbanização do município no período de 1960 a 1980, que passa de 40,71% (1960) para 62,3% (1970), e dessa para 71,76%, em 1980”, alcançando a cifra de 74,56% no ano de 2010 (CRUZ, 2013, p. 59).

AS DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

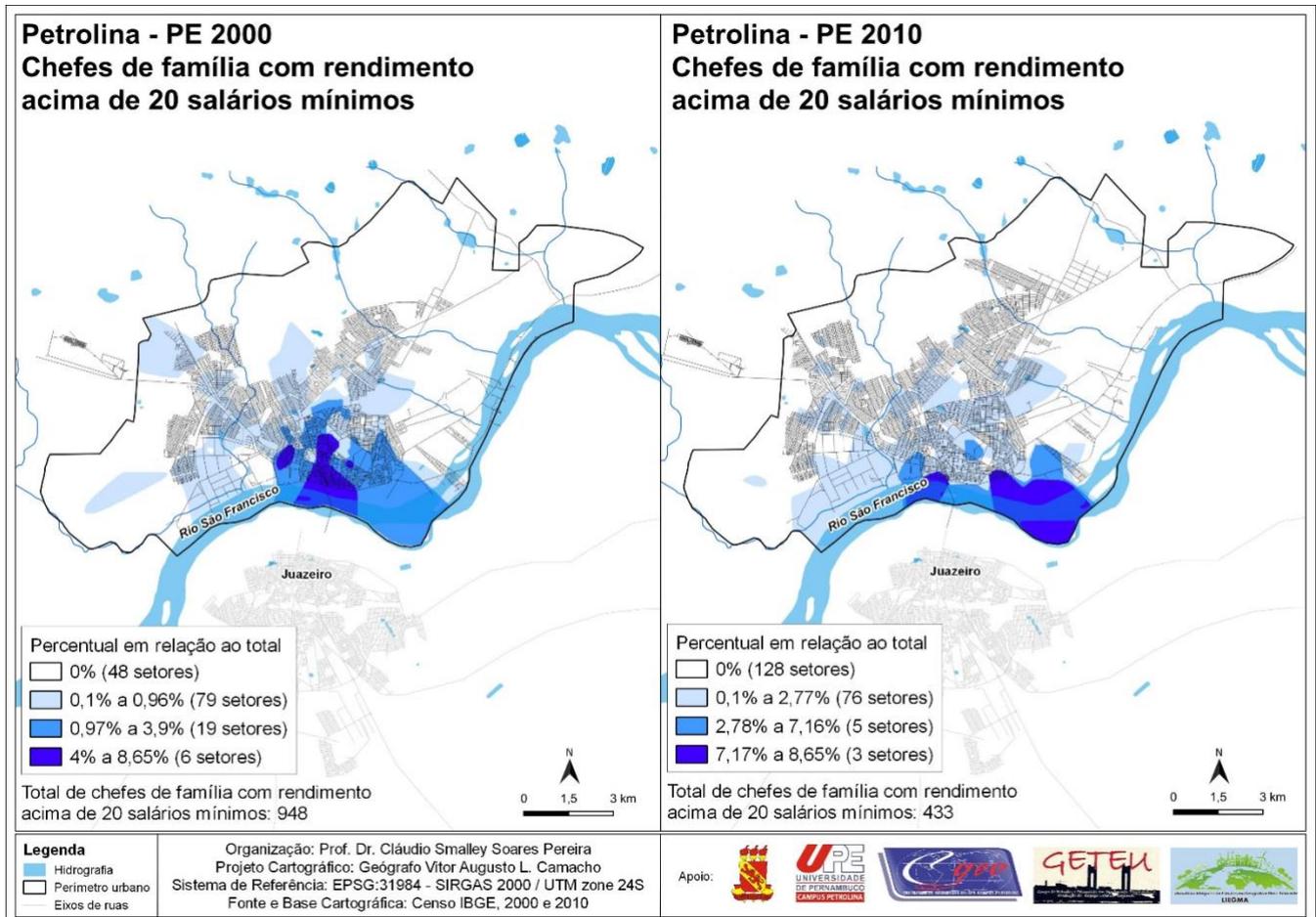
Algumas pesquisas já mostraram como as desigualdades socioespaciais se expressam em Petrolina (DOMINGUES, 1989; COELHO, 2007; CRUZ, 2013; SANTOS FILHO, 2021). Em suas pesquisas sobre as “cidades do agronegócio”, Elias e Pequeno (2007) identificaram as desigualdades socioespaciais em Balsas (AM), Limoeiro do Norte (CE) e Barreiras (BA). No que diz respeito a Petrolina, os autores afirmaram:

O processo de verticalização ao longo das margens do rio São Francisco, em Petrolina (PE), no trecho já urbanizado próximo ao centro, pode ser mencionado como claro exemplo de apropriação dos investimentos em infra-estrutura, o que eleva o preço da terra e consolida o processo de substituição de antigas residências por edifícios multi-familiares. Mesmo nas partes mais distantes do centro, porém, ainda margeando o rio São Francisco, observa-se a implantação de condomínios fechados, os quais se apropriam das boas condições de mobilidade e das vantagens paisagísticas. (ELIAS; PEQUENO, 2007, p. 34)

Atualmente já é possível notar algumas mudanças em relação a esse quadro descrito por Elias e Pequeno (2007). Na verdade, trata-se mais de uma complexificação do que, de fato, uma mudança de rumo. Essas “vantagens paisagísticas” que os autores mencionam, que dizem respeito à mercantilização da natureza nos produtos imobiliários, não estão somente em áreas distantes do centro. Na verdade, elas se encontram em áreas relativamente próximas ao centro, que são, segundo o Censo Demográfico de 2000 e 2010, onde se concentra a maior parcela da população que recebia, naquele período, os maiores salários (figura 3). Juntamente com a verticalização, que se ampliou nas margens do rio São Francisco, alguns condomínios fechados de alto padrão como o Condomínio Granville, o Condomínio late Clube, Condomínio Portal das Águas, Summerville Residencial, Condomínio Sol Nascente e Condomínio Colinas Bella Vista, também foram construídos. Esse tema foi estudado em detalhes por Cruz (2013).

Conforme afirmou Cruz (2013), a produção dos empreendimentos residenciais fechados se iniciou em Petrolina no final dos anos 1980 e teve um dinamismo distinto ao longo do tempo: em um primeiro momento, esses produtos imobiliários passaram a se localizar no setor Leste da cidade, próximo ao rio São Francisco, mas ainda, àquela época, relativamente distantes do centro da cidade. Durante os anos 2000 até o final da década, em 2009, viu-se uma aceleração de lançamentos destes produtos imobiliários próximo ao centro da cidade e, após 2009, tornaram-se manifestos os interesses imobiliários por áreas periféricas e distantes até da chamada “periferia pobre”, o que revelaria os indicativos de uma reestruturação da lógica centro-periférica na cidade. Nesse último momento, destacam-se os empreendimentos Terras Alpha Petrolina (empreendimento da Alphaville), Eco Spa Condominium Clube e Green Park Petrolina, todos implantados a partir de 2011 (CRUZ, 2013). É importante ressaltar que em Petrolina, tecnicamente, os “condomínios fechados” constituem, de fato, a figura do ‘loteamento’ e não de um ‘condomínio’, como dispõe a Lei nº 4.591/6422, salvo o caso dos condomínios ‘Mais Viver’” (CRUZ, 2013, p. 77), o que reflete, de um lado, a estratégia comercial de valorização imobiliária, aumentando o preço da terra por meio da inserção da ideia de “condomínio” e “um novo estilo de morar”.

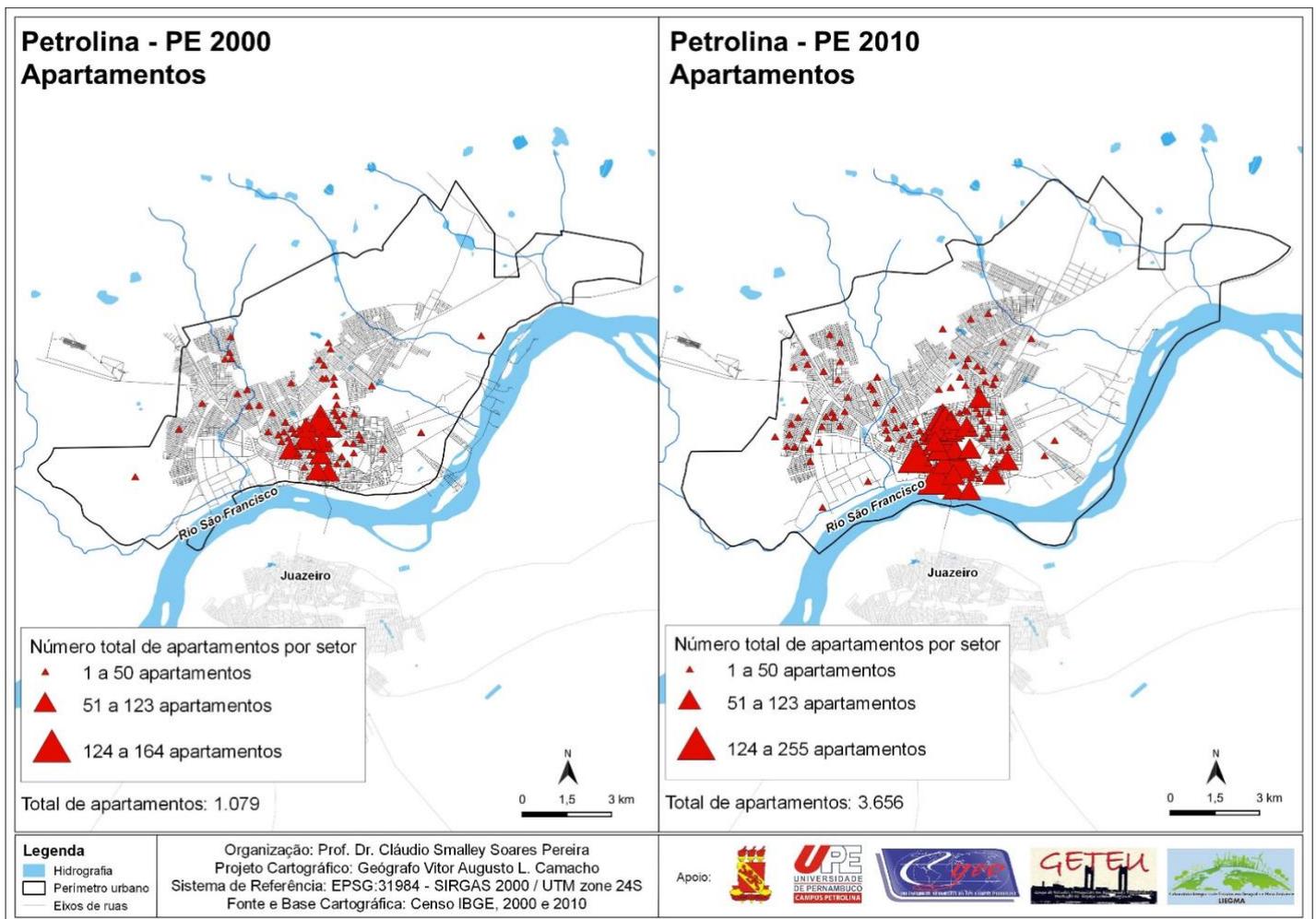
Figura 3. Petrolina: distribuição espacial dos rendimentos acima de 20 salários-mínimos em 2000 e 2010.



Fonte: Elaboração própria

No centro da cidade, a verticalização é significativa e se intensificou desde a década de 1990 (figura 4). Nota-se, de forma muito clara, uma dominância na oferta de apartamentos na orla do rio por parte de uma empresa de capital local, a ARCONST Construções. Essa empresa é um importante agente imobiliário da produção do espaço urbano na orla de Petrolina (figura 5A e 5B).

Figura 4. Petrolina: expansão do número de apartamentos entre 2000 e 2010.



Fonte: Elaboração própria

Figura 5. Petrolina – Verticalização na orla do Rio São Francisco

5A) edifícios na orla da cidade



Fonte: A) Elaboração própria (2022);

5B) centro da cidade, com destaque para a Catedral e a verticalização na orla, ao fundo



B) Alexandrxxhb (2020)

A esse respeito, em 2018, foi anunciado o empreendimento Mansões do Rio, da empresa alagoana Record Construtora, sendo o seu primeiro produto imobiliário em terras pernambucanas. Esse empreendimento, que em 2023 encontrava-se em construção, foi anunciado na mídia local em 2018 como “o mais alto e luxuoso edifício já construído na orla do Rio São Francisco, em Petrolina, Pernambuco”, com 28 andares e mais de 100 metros de altura, com um apartamento por pavimento ao preço de 1 milhão e 800 mil reais. O interessante aqui é que, além de a empresa ser um agente exógeno à cidade em que está atuando na construção de segmentos de alto padrão, há articulação entre a empresa Record e a Murando Empreendimentos, que é uma incorporadora de Curitiba que atua no ramo imobiliário.

A produção imobiliária vem se intensificando nas últimas décadas. A Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco (CONDEPE/FIDEM, 2020) destacou que a construção civil é a maior atividade industrial em Petrolina, que de fato se apresenta muito dinâmica nas últimas décadas. Os lançamentos de novos produtos imobiliários são frequentes e agentes importantes vêm atuando na produção do espaço urbano. Um deles, em parceria com a ARCONST Construções, é a Pedra do Reino Investimentos, empresa que vem atuando no setor de hoteleira e, também, produzindo empreendimentos multiusos como flats, empresariais e malls. Esse agente é responsável pela produção, em Pernambuco, de sete hotéis da francesa Accor, dentre eles o Ibis Styles, segundo da rede na cidade de Petrolina, com investimento de R\$ 32,3 milhões. Segundo matéria de 23 de março de 2023 da TV Grande Rio, filiada à Rede Globo no Vale do São Francisco, os agentes imobiliários estimam um investimento no setor da ordem de R\$ 400 milhões nos próximos três anos (MERCADO, 2023).

No que se refere aos espaços destinados à habitação, os produtos imobiliários de alto padrão foram produzidos, inicialmente, por meio de um processo de “monopolização do território”, segundo expressão de Cruz (2013), ao se referir aos lançamentos de uma empresa de capital local na orla da cidade que drenam a renda da terra: trata-se da Assunção de Castro, com empreendimentos nas orlas de Petrolina e Juazeiro. Porém, com o Terras Alphaville, surge uma nova lógica, em 2009, com a “associação de interesses” de grupos e agentes locais, sejam incorporadores ou mesmo proprietários fundiários (muitas vezes oriundos da fruticultura irrigada), com agentes de atuação em escala nacional, o que diversifica a propriedade e a forma de extração da renda da terra, o que favoreceu uma reestruturação do espaço urbano de Petrolina (CRUZ, 2013).

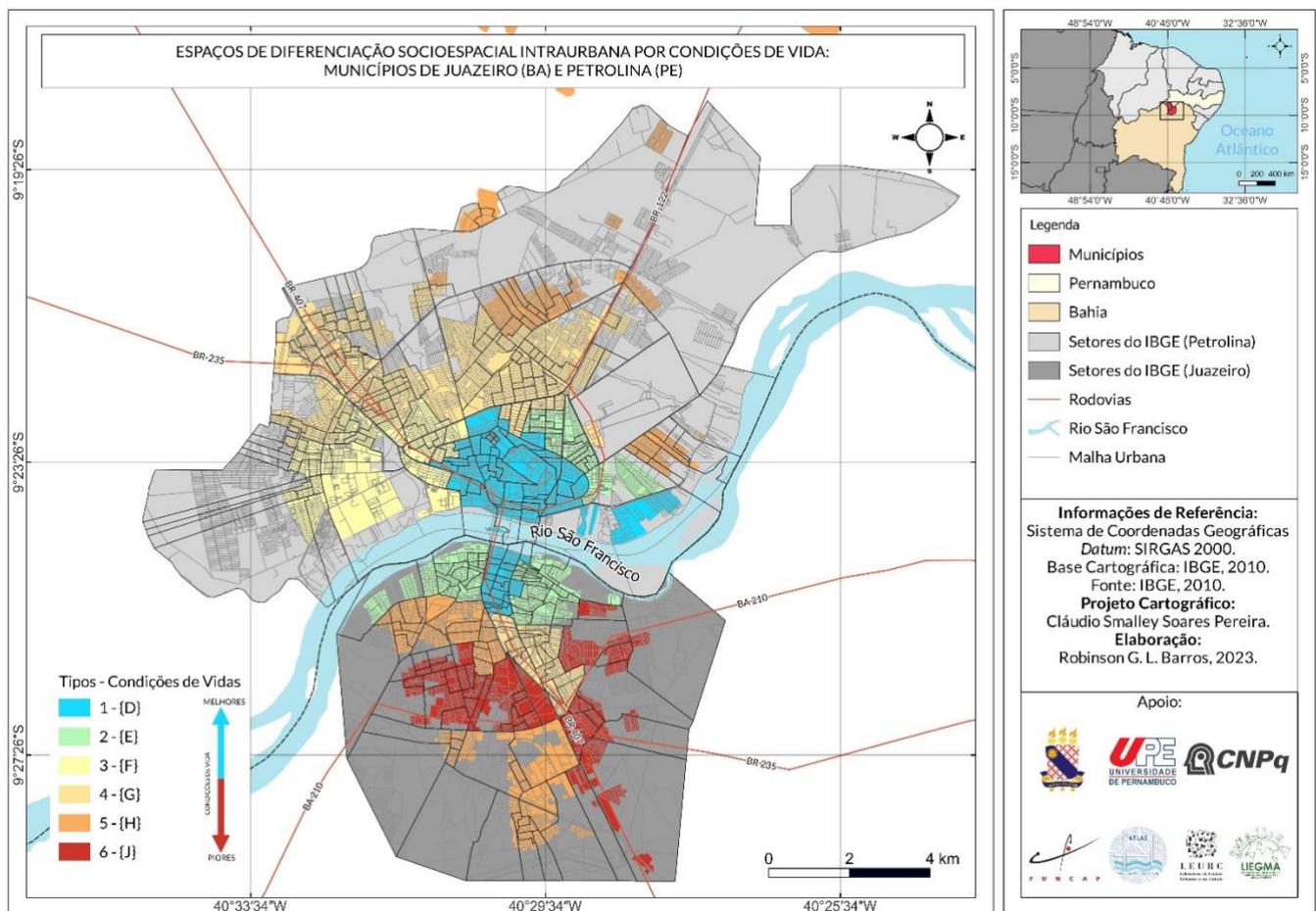
Paralelamente a esta produção do centro de forma a atrair a ideia de uma imagem turística e de lazer na orla do rio São Francisco, associada às classes mais abastadas que se fecham nos condomínios fechados verticais e horizontais, nota-se uma expansão periférica que em algumas áreas se encontra, em termos de limites, com as áreas dos perímetros irrigados, os quais passaram a ser uma espécie de barreira para o crescimento espacial da cidade (PEQUENO; ELIAS, 2020).

As desigualdades na produção do espaço urbano se revelam como constitutivas da produção histórica desta cidade. Apesar de notar-se na paisagem urbana uma certa homogeneidade formal, isto é, pelo padrão construtivo (sobretudo nas áreas centrais e pericentrais da urbe), é por demais sabido que os níveis de pobreza são bastante elevados na cidade que é conhecida como polo dinâmico no sertão nordestino. O fato é que essa

dinamicidade existe, porém, ela não elimina a pobreza e os problemas urbanos; mais do que isso, essa dinamicidade econômica está na raiz da reprodução das desigualdades sociais e espaciais que os dados socioeconômicos oficiais nem sempre revelam. A “diferenciação residencial” que se expressa em segregação residencial no espaço urbano (HARVEY, 1980; CORRÊA, 2013) é bem nítida, dada a “seletividade espacial” (SANTOS, 1996) do capital no processo de urbanização.

Como muitas cidades brasileiras, Petrolina apresenta uma realidade social marcada por desigualdades socioespaciais, em que a pobreza constitui um elemento sem o qual a cidade não pode ser compreendida. Como podemos ver na figura 6, o espaço urbano de Petrolina contrasta a área central da cidade, com uma tipologia intraurbana com boas condições de vida, e uma periferia precária. Quando comparada à cidade vizinha, Juazeiro/BA, Petrolina se sobressai como uma espécie de “cidade dos ricos” (SECCHI, 2020), por concentrar os espaços com as melhores condições de vida (IBGE, 2017).

Figura 6. Condições de vida nas cidades de Petrolina/PE – Juazeiro/BA (2017)



Fonte: IBGE (2017).

Essa face da pobreza também é revelada quando observamos os dados referentes aos rendimentos nominais mensais domiciliares do município (tabela 2) e a apropriação da renda (tabela 3). Observa-se que uma grande parte dos domicílios apresenta ganhos de até dois salários mínimos (SM) (para o valor de 2010), o que se referia a 50,4% (IBGE, 2022). Soma-se a isso que o percentual de população com rendimento médio per capita de até meio SM, para o ano de 2010, era de 39,8% (IBGE, 2022). A média mensal de salários dos trabalhadores formais, isto é, com carteira assinada, era de dois SM em 2016 (IBGE, 2022). Na outra ponta, 2% do total dos domicílios tinha renda de mais de vinte salários mínimos em 2010, o que mostra uma distância significativa em termos de renda, expressando uma desigualdade social e de renda que é característica da formação socioespacial brasileira (SANTOS, 1977, 1996).

Tabela 2. Petrolina. Classe de rendimento nominal mensal domiciliar, 2010.

Rendimento mensal	Número de domicílios	Qnt. em %
Sem rendimentos	3.335	4,2
Até 1/2 salário mínimo	4.092	5,1
De 1/2 a 1 salário mínimo	10.989	13,7
De 1 a 2 salários mínimos	22.048	27,4
De 2 a 5 salários mínimos	26.557	33,1
De 5 a 10 salários mínimos	8.228	10,2
De 10 a 20 salários mínimos	3.403	4,2
Mais de 20 salários mínimos	1.699	2,1
Total	80.351	100

Fonte: IBGE (2022)

Tabela 3. Petrolina – Apropriação da renda por extratos de população, 1991-2010

	1991	2000	2010
20% mais pobres	2,66	2,28	2,8
40% mais pobres	8,15	7,72	9
60% mais pobres	17,15	16,9	18,57
80% mais pobres	32,78	32,78	33,9
20% mais ricos	67,22	67,22	66,1

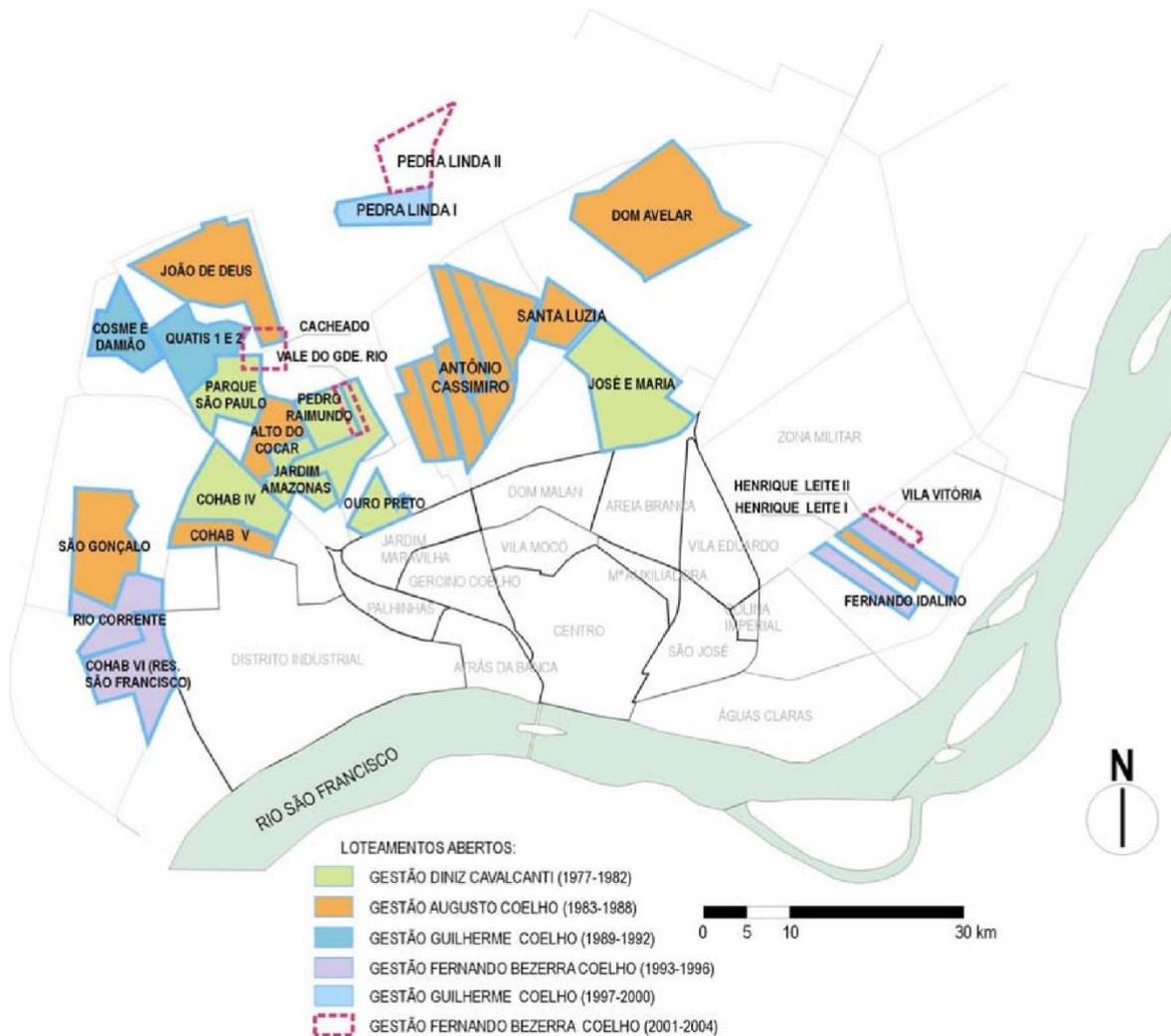
Fonte: ADHB (2013)

Como se pode ver, o nível de concentração de renda é elevado, com os 20% mais ricos ficando com 66% da renda em 2010, enquanto os 80% mais pobres acumulam 33,9%. Por isso que o PIB per capita de R\$ 19.416,68, conforme dados de 2020 para o município, mais esconde do que revela as desigualdades e a pobreza existentes. Esse nível de desigualdade tem se mantido relativamente estável desde os anos 1990, o que também teve expressões materiais na urbanização.

A expansão periférica da cidade, com bairros e loteamentos populares na direção oeste e noroeste, revela essa produção e apropriação desigual do espaço urbano, com a construção dos

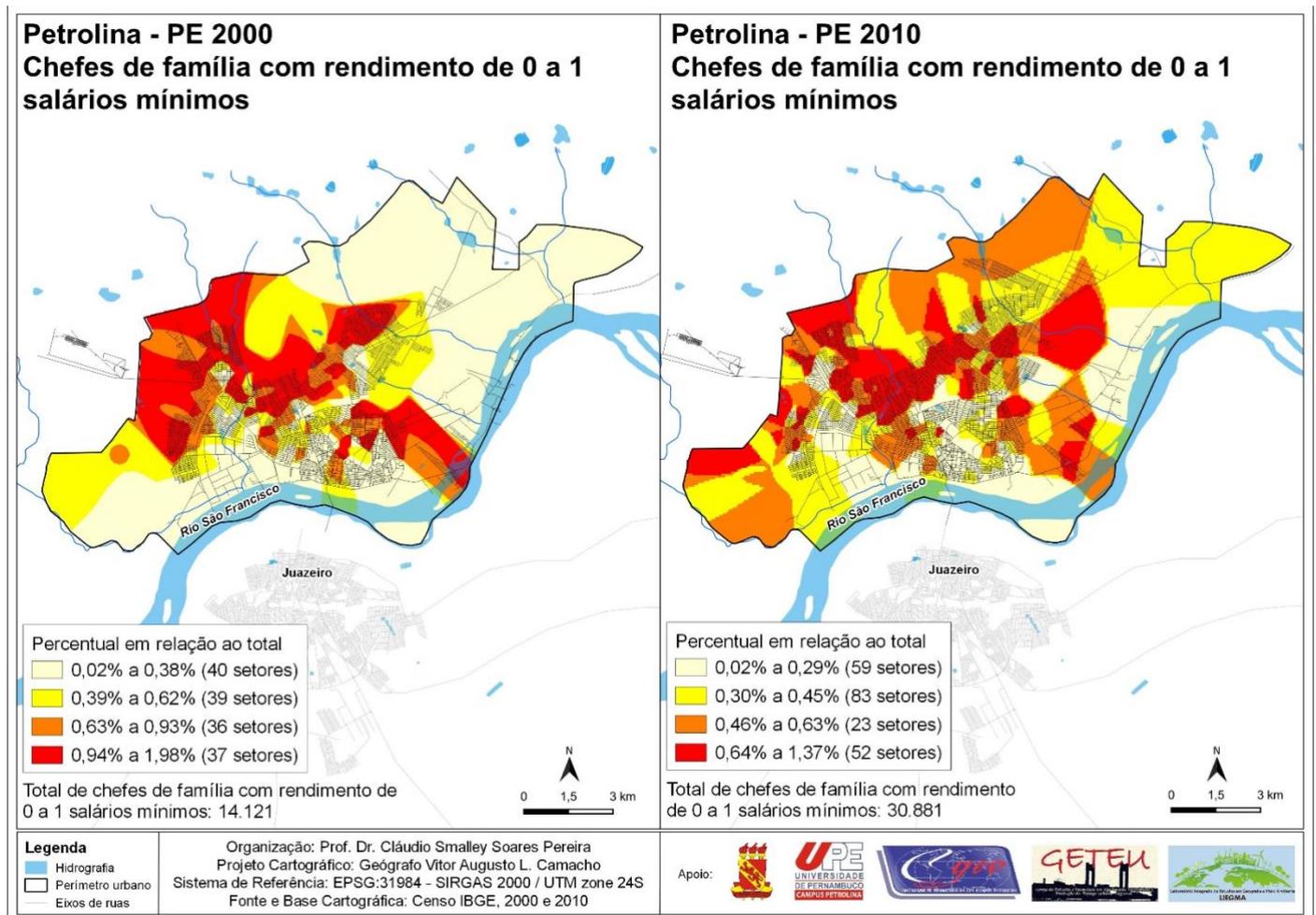
espaços de moradia dos trabalhadores que desde os anos 1970 migraram para a cidade. Esses moradores vivenciaram as lutas pela moradia por meio de ocupações, barracos de taipa e que, conforme Coelho (2007), mediante pressões e negociações com as elites políticas locais, conseguiram melhoramentos urbanos básicos para a reprodução da vida e da classe trabalhadora (ver figuras 7 e 8).

Figura 7. Petrolina: bairros periféricos criados entre a década de 1970 e início dos anos 2000, por gestão política local.



Fonte: Prefeitura Municipal de Petrolina/SEHURB (2005), citado em Coelho (2007, p. 88).

Figura 8. Petrolina: distribuição espacial dos rendimentos entre 0 e 1 salário mínimo em 2000 e 2010.



Fonte: Elaboração própria

Bairros como José e Maria, Pedro Raimundo, João de Deus, São Gonçalo, Henrique Leite e Cosme e Damião e as COHABs, entre outros, são frutos do processo de urbanização desigual e de seletividades espaciais do ponto de vista dos investimentos. A família Coelho, como parte da classe dominante na política local (CHILCOTE, 1991), teve papel fundamental no controle do Estado (poder público) desde a década de 1950-1960, decidindo sobre o direcionamento de recursos para os bairros periféricos e da canalização de recursos estaduais e federais para o município e a cidade (CHILCOTE, 1991; COELHO, 2007; CRUZ, 2013). É ilustrativa, nesse ponto, a publicidade divulgada em algumas áreas da cidade, em outdoors, creditando a duplicação da BR-407, anunciada pelo Ministro dos Transportes no início de 2023, ao senador Fernando Coelho (figura 9).

Figura 9 – Petrolina: Publicidade em outdoor com a imagem do senador da República Fernando Coelho associado à duplicação da BR 407



Fonte: O autor (2023)

É importante ressaltar que do ponto de vista da política habitacional para a classe trabalhadora, o Estado constitui um importante agente da produção espacial (LEFEBVRE, 2008; HARVEY, 1980; CORRÊA, 2013). O papel desse agente já fora ressaltado por Domingues (1989) no que diz respeito ao crescimento urbano e produção da cidade de Petrolina. Além dos investimentos milionários das esferas federal e estadual em infraestruturas, cabe notar que a habitação, por meio do programa “Minha Casa, Minha Vida” e “Casa Verde e Amarela”, também impactou a produção da periferia urbana petrolinense e reforçou o processo de segregação socioespacial dos pobres (figuras 10A e 10B), como é possível observar no caso do Residencial Pomares, que está a mais de 10 km do centro da cidade, no Loteamento Nova Petrolina, zona de expansão urbana a oeste (figura 10A) e no Residencial Novo Tempo, na zona norte (figura 10B).

Figura 10. Petrolina – Empreendimentos do “Programa Minha Casa, Minha Vida” nas periferias leste e norte da cidade.

(9A) Residencial Pomares, com 496 unidades.



Fonte: (A) Coelho (2020);

(9B) Residencial Novo Tempo VI, com 227 unidades.



(B) Pontes (2020).

Evidentemente, os proprietários de terra também exercem um papel fundamental na produção da cidade e da segregação residencial (CORRÊA, 2013; HARVEY, 1980). Esses agentes monopolizam a terra e ajudam a coordenar as lógicas de produção espacial e localização dos investimentos no espaço urbano. Na medida em que a terra urbana é uma mercadoria sob o monopólio de uma classe, resulta que aos pobres as escolhas residenciais tornam-se muito mais limitadas em relação aos ricos, por isso “o rico pode dominar o espaço enquanto o pobre está aprisionado a ele” (HARVEY, 1980, p. 146).

O problema da moradia e das desigualdades socioespaciais pode ser atestado, também, por meio de ocupações de imóveis do Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV). Em abril de 2021, cerca de 100 famílias ocuparam o Residencial Novo Tempo V, oriundos da Vila da Fé, Vila Dilma, Vila da Paz e Santa Terezinha, áreas de risco segundo a Prefeitura de Petrolina. Reproduzo abaixo as falas de duas moradoras que participaram da ocupação do empreendimento, que revelam a permanência do problema da moradia.

Teve um sorteio que muitas pessoas não foram contempladas e a revolta foi muito grande. Muitas pessoas em situação piores [sic] que a minha, estão há sete anos na Vila da Paz esperando uma casa própria, morando dentro do lixo, esgoto passa na porta, é casa de barro, feita de madeira. São pessoas com crianças pequenas, deficientes, gestantes (FAMÍLIAS, 2021).

A gente sempre morou em área de risco e agora surgiu algo melhor. Assim que surgiram as inscrições das casas, desde 2009, a gente fez a inscrição e aguardou, porque teve vários sorteios [sic] e nada da gente [sic] ser contemplado [...] E eu fiquei sem condições [de pagar o aluguel] por causa da pandemia, de não ter onde trabalhar, aí onde eu achei refúgio foi no Residencial Novo Tempo. Se resolverem tirar a gente daqui eu não sei pra onde eu vou, não sei mesmo (GONZAGA, 2021).

Esses trechos acima referentes às ocupações e ao problema da moradia mostram a luta de classes no e pelo espaço, no qual a classe trabalhadora e os pobres buscam resistir ao que Lefebvre (1976, 2000) chamou de “espaço abstrato”, em que o Estado e o capital são os agentes dominantes. Por isso Lefebvre (2000, 2008) destacou o papel dos usuários, que, à sua maneira, também produzem o espaço.

Vários dos empreendimentos do PMCMV construídos entre 2010 e 2019 foram produzidos pela empresa sergipana Jotanunes Construtora, a maioria de Faixa 1³, sendo que quatro deles possuem mais de mil unidades habitacionais: Vivendas de Petrolina II (1.000 unidades habitacionais), Residencial Monsenhor Bernardino (1.442), Residencial Vivendas Petrolina (1.430) e o Residencial Nova Petrolina (1.191), conforme os dados do Governo Federal (SISTEMA DE GERENCIAMENTO DE HABITAÇÃO, 2021). A Jotanunes continua atuando em Petrolina, única cidade do estado do Pernambuco em que a empresa construiu produtos imobiliários, por meio do programa Casa Verde e Amarela, descontinuado em 2023, dinamizando a extração da renda da terra urbana⁴.

Do exposto, nota-se que “o desenvolvimento geográfico desigual dentro da cidade”, conforme ressaltou Neil Smith (2020, p. 228), é parte fundamental da produção capitalista do espaço, em que as contradições e os conflitos sociais e espaciais se constituem a regra, ainda mais no âmbito da globalização contemporânea.

A DIALÉTICA CENTRO-PERIFERIA E A REESTRUTURAÇÃO DA CIDADE VISTAS A PARTIR DO COMÉRCIO VAREJISTA

A contradição centro-periferia em Petrolina no âmbito dos espaços de moradia existe mediante uma dupla lógica que está sobreposta: o padrão de segregação clássico centro-periférico, com os pobres morando nas periferias, e um padrão mais novo, que emergiu nos anos 2000, a autosegregação das elites, conforme visto anteriormente (CRUZ, 2013).

Em muitas cidades brasileiras, o padrão mais clássico se apoiava em uma concentração de comércio e serviços no centro principal da cidade. Nos últimos vinte anos, tem se observado uma alteração da lógica de localização comercial que reflete, em parte, as transformações mais amplas da economia capitalista global e as formas de produção do espaço urbano, conforme analisaram vários autores, como Salgueiro e Cachinho (2009), Sposito (2010), Pereira (2020a, 2020b), Pintaudi (2002), Wrigley (2009), entre outros.

Do ponto de vista comercial, em Petrolina, a contradição centro-periferia parece mais se reforçar do que se alterar. A estrutura centro-periferia, nesse aspecto, vinha se consolidando já na década de 1980 (DOMINGUES, 1989). As novas áreas de centralidade que constituem

³ O financiamento habitacional do Programa Minha Casa, Minha Vida e as taxas de juros estão relacionados com as respectivas faixas de renda, em que a faixa 1 é menor e a faixa 3, a maior. Na terceira fase do programa, em 2016, foi criada uma Faixa 1,5, mantida no Casa Verde e Amarela, que substituiu o PMCMV em 2020. Em 2023, com o retorno do PMCMV, foi extinta a faixa 1,5 e mantiveram-se, somente, as faixas de renda 1, 2 e 3.

⁴ Esta empresa atua em algumas cidades de Sergipe, Bahia e Pernambuco, em diversos segmentos socioeconômicos (JOTANUNES, 2023).

elementos importantes do processo de reestruturação espacial das cidades médias e o comércio exerce um papel importante na dinâmica espacial da economia urbana (PEREIRA, 2014). Em Petrolina, isso é notório, porém, as novas áreas de centralidade são mais afeitas à categoria de subcentros comerciais, em alguns bairros, do que exatamente como áreas segmentadas que possam sugerir exclusividade para algumas classes sociais específicas do ponto de vista do consumo.

A forma como o comércio está organizado na cidade de Petrolina não difere muito do modo como ele se apresenta em boa parte das cidades médias brasileiras. Apesar de estar concentrado sobremaneira no centro da cidade e em bairros adjacentes, os quais mesclam comércio, serviços e habitação (portanto, podendo ser até chamados de pericentrais), há uma profusão de espaços comerciais modernos na cidade que vêm modificando os vetores de expansão urbana nas últimas duas décadas, associando-se, muitas vezes, aos espaços residenciais de alto e médio padrão na orla da cidade e próximos ao centro.

O comércio moderno varejista é uma das atividades comerciais que reforçam o papel regional de Petrolina na rede urbana e, ao mesmo tempo, vem redefinindo o espaço urbano (SANTOS FILHO, 2021). Trata-se de um processo que vem impactando as diversas cidades médias do Nordeste brasileiro, cada uma ao seu modo, processo este que está associado à reestruturação produtiva do capitalismo (GOMES, 2007; PONTES, 2012).

Trata-se, nas palavras de Pereira (2020a), de uma “nova condição urbana” que se verifica na produção das cidades médias brasileiras, as quais alteraram as lógicas de produção do espaço mediante inserção mais cabal nas dinâmicas da globalização contemporânea e dos processos econômicos e políticos. Tais transformações estão atreladas à reprodução do capital, à exploração do trabalho e às dinâmicas da financeirização da economia, na qual o imobiliário e a terra vêm constituindo importante papel na produção do espaço urbano⁵ e redefinindo as lógicas de produção e reprodução econômica e espacial (PEREIRA, 2020a, 2020c).

Os empreendimentos imobiliário-comerciais como shopping centers foram fundamentais no processo de modernização capitalista das estruturas comerciais das cidades brasileiras no final do século XX (PEREIRA, 2020a). Em Petrolina, o único shopping da cidade, o River Shopping (figura 11), data da década de 1990. Foi o primeiro empreendimento do estado de Pernambuco fora de Recife (INSPIRAÇÃO, 2022), marcando um período de expansão desses empreendimentos para cidades do interior do país.

⁵ A título de exemplo no que tange à financeirização e ao imobiliário no comércio varejista, o Grupo Mateus instalou duas lojas de “atacarejo” da bandeira Mix Mateus, uma em Petrolina e outra em Juazeiro, e se utilizou da estratégia sale and leaseback, vendendo três imóveis (os dois citados e um em Belém/PA) ao TRX Real Estate Fundo de Investimento Imobiliário, por R\$ 182 milhões, aproximadamente. Os dois imóveis em Petrolina e Juazeiro custaram juntos R\$ 122 milhões. Para mais informações sobre esse processo, consultar Pereira (2020c). Sale and leaseback é uma forma de operação imobiliária na qual um imóvel é vendido e o antigo proprietário, após a venda, o aluga, tornando-se, portanto, um locatário.

Figura 11. Petrolina: Visão aérea do River Shopping em 2022.



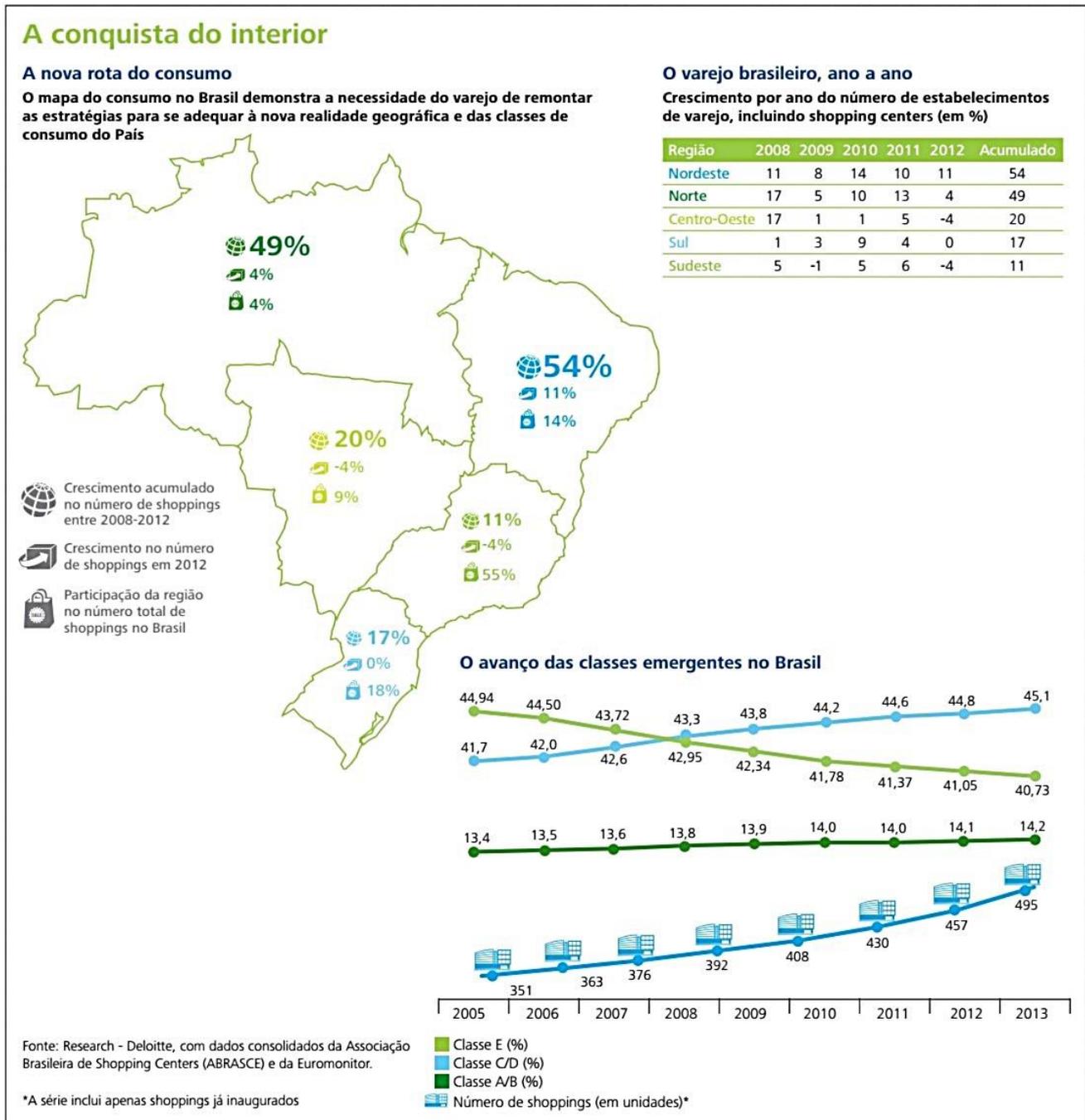
Fonte: Inspiração (2022)

Segundo a Associação Brasileira de Shopping Centers (ABRASCE), o River Shopping possui mais de 152 lojas em funcionamento, quatro salas de cinema e 1.558 vagas de estacionamento. Apresenta, ainda, uma área total do terreno de 107.350 m², área construída de 36.366 m² e área bruta locável de 27.293 m². O perfil do consumidor é distribuído principalmente entre as classes B (50%) e C (40%), enquanto as classes A e D têm 5% cada uma delas. Segundo o site institucional do empreendimento, “o River está sempre de olho no mercado para trazer marcas nacionais e internacionais e operações modernas para a população do Vale” com um “investimento contínuo em segurança, conforto e comodidade para todos, promoções e eventos especiais, de forma a atrair um público cada vez maior”. O site ainda informa o impacto do ponto de vista da geração de empregos (RIVER SHOPPING, 2022).

Isso é importante para compreender a própria formação socioespacial brasileira e o papel do comércio. Em termos regionais, há uma relação dialética muito clara entre a ampliação da atividade comercial, o emprego e o consumo, favorecida por políticas públicas e sociais progressistas no contexto do “lulismo” com reverberações na estrutura social e na classe trabalhadora (SINGER, 2012). Conforme ressaltaram Pochmann e Silva (2020, p. 11), a região Nordeste registou ampliação em receita bruta e massa salarial entre 2002 e 2014, diretamente relacionados com o “aquecimento” do comércio.

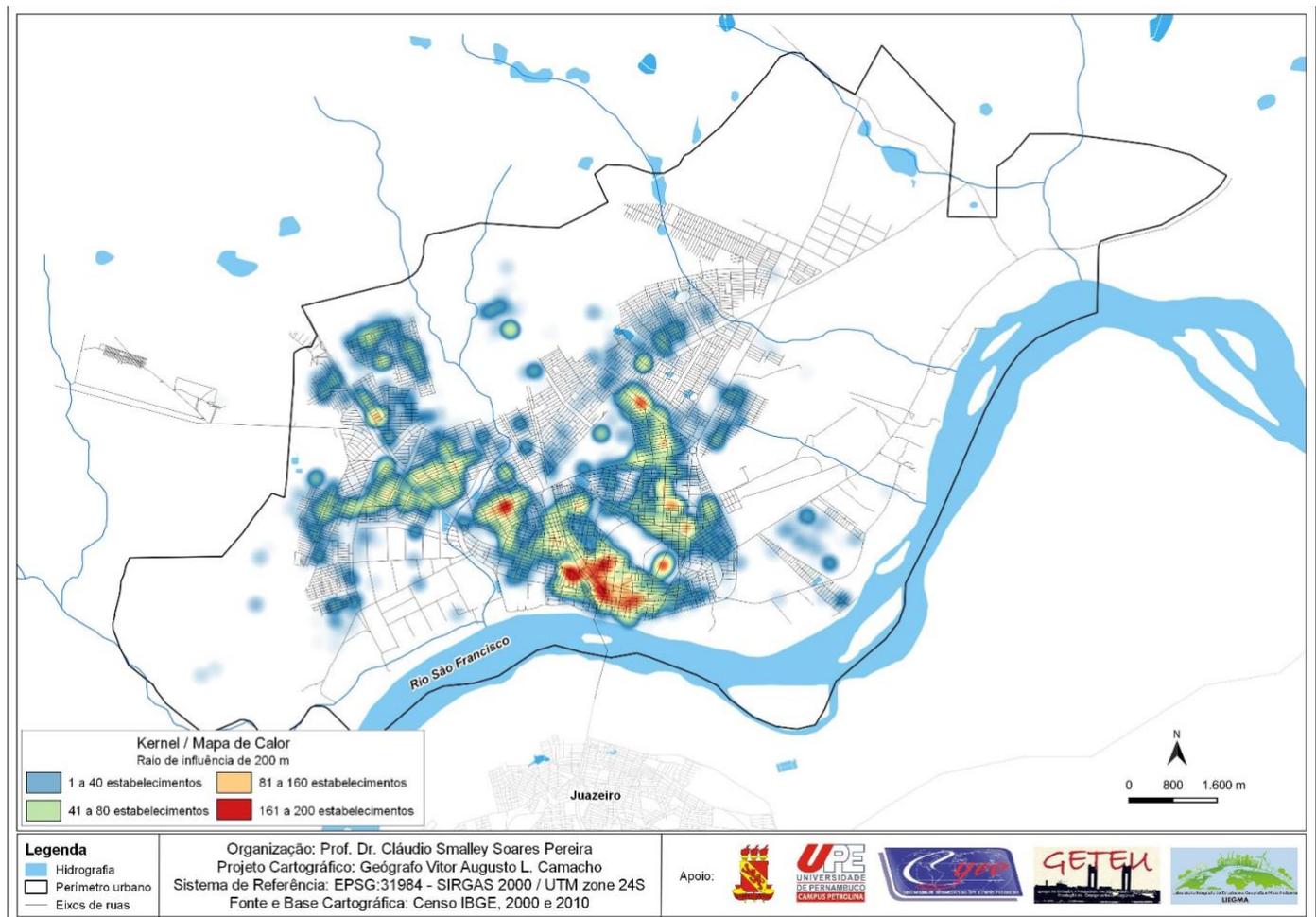
Essa dinâmica também tem claras expressões na escala da cidade, e a expansão dos shopping centers no Brasil entre 2008 e 2012 reflete essas mudanças (figura 12). Em Petrolina, o que é uma especificidade da cidade que a distingue de boa parte das cidades médias, o shopping está no centro da cidade, o que reforça ainda mais o papel do centro e uma relativa estrutura centro-periférica no que se refere aos espaços comerciais e de consumo. Existem outras formas comerciais modernas que foram construídas nas últimas décadas, como galerias comerciais e lojas de grife, porém elas pouco tensionam uma redistribuição mais clara do comércio na cidade. A geografia do comércio em Petrolina é predominantemente organizada na lógica centro-periferia, apesar de mudanças observadas nas últimas décadas (figura 13).

Figura 12. Brasil – Expansão do número de shoppings centers por região na formação socioespacial nacional.



Fonte: Deloitte (2014, p. 29).

Figura 13. Petrolina: Concentração de atividades comerciais no espaço urbano de Petrolina (2010)



Fonte: Elaboração própria

É importante destacar que há uma importante distribuição espacial na cidade de comércio popular com base em feiras. As feiras Areia Branca, João de Deus, São Gonçalo, Cohab Massangano e Jardim Maravilha (Feira do José e Maria) estão distribuídas em alguns bairros, uns periféricos e outros mais próximos ao centro e, de certo modo, são pontos de referência para o consumo da classe trabalhadora, constituindo, portanto, importantes espaços comerciais nos quais é visível a concentração de lojas com características de subcentros comerciais. Essas informações podem ser observadas adiante, a figura 14, que sintetiza diversos aspectos do que vem sendo abordado neste artigo.

Se existem subcentros na cidade, por que a contradição centro-periferia se mantém? Essa pergunta sugere alguns esclarecimentos. Em primeiro lugar, a relação centro-periferia não significa uma estrutura urbana na qual os espaços periféricos são absolutamente desprovidos de atividades de comércio, serviços e lazer. Na verdade, essa estrutura aponta para uma pequena oferta que, a depender do tamanho da cidade, pode produzir polos ou concentrações comerciais em espaços periféricos que atendam a zonas ou bairros da cidade. Esses espaços, por serem subcentros, não rivalizam com o centro da cidade, ou seja, não tensionam romper a dependência mais global da cidade das atividades econômicas, sociais e políticas que se concentram no

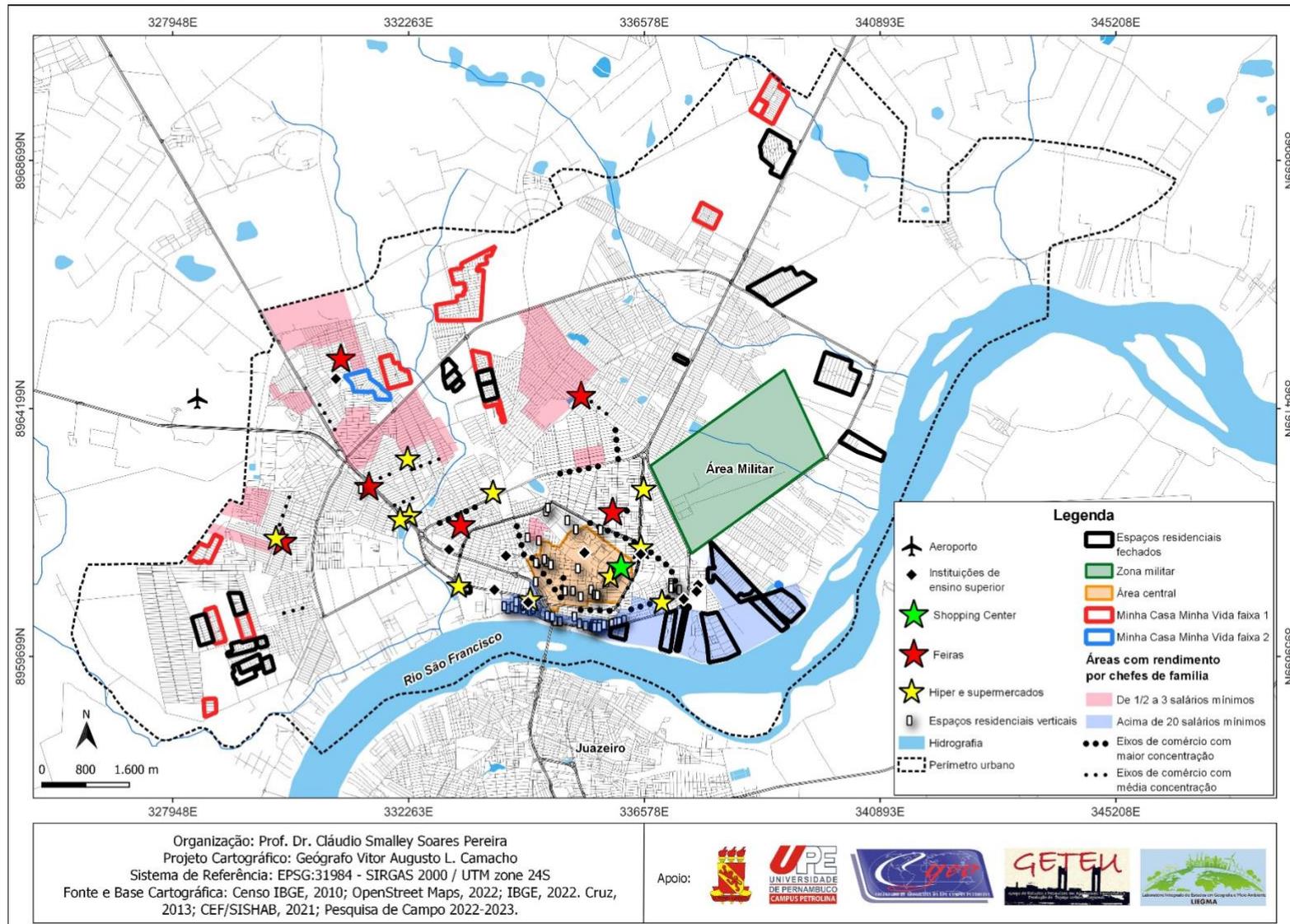
espaço central da cidade. Como diversos autores já discutiram, os subcentros são mais complementares ao centro, do que rivais, no sentido de que muitas das atividades ali presentes são iguais ou se assemelham às que estão no centro (PEREIRA, 2014; SPOSITO, 2010, 2013; VILLAÇA, 2009).

No entender de Sposito (2010, 2013), a lógica de produção espacial na qual se observa a existência de subcentros constitui uma redefinição da centralidade urbana que produz uma “multicentralidade”, visto que as áreas de centralidade se multiplicam, mas não diferenciam em termos de especialização e importância, o que resultaria em uma “policentralidade”.

Então, de que modo podemos caracterizar uma reestruturação da cidade de Petrolina, uma vez que a dialética centro-periferia não se transformou de forma tão radical como em outras cidades e, pelo contrário, parece estar se reforçando? A maneira como os processos econômicos, sociais e políticos incidem na reestruturação de Petrolina não se reflete de forma absoluta na mudança de direção da relação centro-periferia.

Há uma combinação complexa: por um lado, a dinâmica dos espaços residenciais tem apontado, nos últimos trinta anos, para uma reorganização dos padrões dos espaços residenciais, fortalecendo a segregação clássica e a ela se sobrepondo uma lógica de autosegregação; por outro lado, mesmo após a chegada de grandes capitais varejistas internacionais com investimentos milionários — como os “atacarejos” ligados ao Carrefour (Atacadão), Casino (Assaí) e nacionais, como o Grupo Mateus, entre outros) — não é possível identificar a emergência de uma policentralidade. Isto se dá porque tais estruturas comerciais se instalaram em lugares que foram favorecidos pelas grandes extensões de terras e “vazios urbanos” próximos à orla da cidade ou nas proximidades de rodovias, com vistas à captação de fluxos e à circulação dos transportes (às vezes favorecidas pelas duas condições).

Figura 14. Petrolina: síntese dos espaços residenciais, comerciais e estrutura urbana (2023)



Fonte: Elaboração própria

Um aspecto importante que precisa ser ressaltado é que a dinâmica urbana que aqui estamos analisando muda caso o foco de investigação seja a vida noturna na cidade (p. ex. TURRA NETO, 2021). Levando isso em consideração, é possível inferir, com base nas observações de campo, que o shopping center assume um papel fundamental de centralidade quando o assunto é o lazer noturno, já que a concentração de estabelecimentos comerciais diversos em um mesmo empreendimento imobiliário-comercial potencializa a atração de milhares de pessoas da cidade e mesmo da região.

O tempo e a temporalidade urbanas, do ponto de vista do horário comercial, por exemplo, são importantes de serem analisados (PEREIRA, 2020a, p. 163). A oferta, por exemplo, de salas de cinema, amplia consideravelmente o papel regional do shopping, que está localizado no centro da cidade. Além disso, diversas áreas de centralidade noturna de menor expressão surgiram, como bares, restaurantes etc., que ganham maior relevância. Isso está associado à perda do poder de concentração e dinâmica do centro da cidade durante a noite, o que favorece a dinâmica comercial em diversos bairros da cidade. Essa oferta, todavia, é desigual e pode sinalizar para uma relativização da dialética centro-periferia com uma maior complexificação dos processos socioespaciais.

Ao fim e ao cabo, mantendo ainda relativamente forte a contradição centro-periferia, a cidade se reestrutura em razão de suas conexões cada vez mais globais com as diversas frações do capital e em razão do desenvolvimento geográfico desigual. Assim, a reestruturação da cidade de Petrolina tem relações diretas com a fruticultura irrigada destinada aos mercados de formações socioespaciais estrangeiras, à formação de um comércio e serviços especializados voltados tanto ao consumo produtivo do agronegócio como ao consumo consuntivo. As grandes marcas do capital, o acesso ao lazer e a produtos importados, a presença de fixos espaciais importantes como aeroportos, universidades, instituições públicas e privadas e formas comerciais modernas como shopping centers, super e hipermercados, de fato, modificaram o espaço urbano e regional, interligando-o cada vez mais às influências dos capitais estrangeiros.

Esse é o sentido da reestruturação da cidade de Petrolina: uma complexa relação contraditória de que fazem parte os espaços de comércio e consumo, as históricas desigualdades socioespaciais relativas à questão da moradia e da habitação e os espaços produtivos articulados às escalas nacional e internacional. A dialética centro-periferia no espaço urbano ainda se mantém relativamente coesa e consistente, apesar das transformações resultantes das relações multiescalares do capitalismo contemporâneo que colocaram Petrolina sob a órbita dos movimentos da globalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No período da globalização, as estruturas produtivas, o comércio e o consumo foram transformados para atender às novas lógicas do modo de produção capitalista. As cidades se tornaram alvo de múltiplas investidas por parte dos diversos agentes da produção do espaço, sendo a urbanização um processo fundamental para a acumulação do capital. O que se observa em Petrolina e em muitas outras cidades médias do Brasil é o impacto das articulações mais estreitas entre as escalas local, nacional e global e uma “urbanização do capital” (HARVEY, 2014).

A análise que foi feita neste artigo aponta para uma relação entre universalidade, particularidade e singularidade que se combinam de modo dialético e contraditório na produção do espaço. Por um lado, os nexos globais, fomentados principalmente pelo papel desempenhado pela fruticultura de exportação controlada por empresas multinacionais, situam Petrolina no mapa global da divisão internacional do trabalho como um dos focos centrais (juntamente com Juazeiro) de uma “região produtiva do agronegócio”, para usar a expressão de Denise Elias (2017). Porém, é necessário enfatizar que o espaço urbano, acompanhando o ritmo das transformações do atual período da globalização, vem se alterando de diversas maneiras, com novas formas espaciais voltadas para a habitação, com produtos imobiliários que denotam mudanças na vida social da cidade, com a presença de condomínios fechados horizontais e verticais, bem como pela ampliação de novos espaços de consumo de grandes dimensões, como os “atacarejos”, que também expressam, de certo modo, o movimento e os nexos multiescalares. São movimentos que intensificam a reprodução do capital mediante capitais fixos de grande envergadura, capazes de reestruturar a cidade e a região.

Tais processos produzem uma reestruturação espacial da cidade, com alterações importantes que estão em curso e precisarão ser investigadas com mais detalhes. As contradições socioespaciais estão presentes em Petrolina, com o reforço do processo de segregação socioespacial e a sobreposição de uma autosegregação da elite, tanto próximo quanto distante do centro da cidade, ao passo que as novas estruturas comerciais e de consumo consolidam vetores de expansão urbana, investimentos imobiliários habitacionais, mas ainda relativamente próximas ao centro da cidade.

Há muito a ser estudado no que se refere à cidade e ao urbano em Petrolina. Sinalizo aqui, a título de exemplo, a mobilidade urbana e os aspectos referentes ao mercado imobiliário; são dois temas fundamentais que precisam de análises mais profundas, já que a urbanização se tornou elemento fundamental no âmbito do capitalismo contemporâneo.

Pode-se concluir que a reestruturação da cidade precisa ser analisada de acordo com as singularidades das cidades, uma vez que a geografia histórica da urbanização e os agentes sociais envolvidos desempenham papéis distintos em relação aos lugares. Porém, essa singularidade não poder ser fechada em si mesmo, sob o risco de se cair em um “localismo”, ou seja, é necessário que as transformações universais e particulares, isto é, do mundo e da formação socioespacial, não sejam esquecidas; somente assim a reestruturação do espaço pode ser mais bem compreendida e analisada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Renata Sibéria de Oliveira, Sidclay Pereira e Cleiton Silva, da Universidade de Pernambuco (UPE), e Sinara Sousa, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), pela leitura atenta e sugestões à primeira versão deste texto. Igualmente, estendo meus agradecimentos aos pareceristas anônimos e suas rigorosas e detalhadas avaliações e sugestões. Por fim, agradeço ao CNPq (Processo: 409930/2021) pelo financiamento da pesquisa que embasa este texto.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDREXHB. SkyScraperCity. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.skyscrapercity.com%2Fthreads%2Fpetrolina-pe.1442925%2Fpage-399&psig=AOvVaw2az2yxLPQFQQAwd1wUmNkp&ust=1680812001565000&source=images&cd=vfe&ved=0CBEQjhqxqFwoTCLC_qebGk_4CFQAAAAAdAAAAABAE. Acesso em: 12 fev. 2023.
- ANDRADE, M. C. Tradição e mudança: a organização do espaço rural e urbano na área de irrigação do submédio São Francisco. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. Rio de Janeiro. IPEA. Brasília: PNUD: FJP, 2013. Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/>. Acesso em: 22 set. 2022.
- ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NAS REGIÕES METROPOLITANAS BRASILEIRAS. Florianópolis, Sorocaba, Ride Grande Teresina, Ride Petrolina-Juazeiro. IPEA. Brasília: PNUD: FJP, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/8182?mode=full>. Acesso em: 13 ago. 2022
- BAYER BRAZIL. Bayer amplia investimento e expande centro de inovação em Petrolina. São Paulo, 14 jun. Disponível em: <https://www.bayer.com.br/pt/midia/bayer-amplia-investimento-expande-centro-inovacao-em-petrolina>. Acesso em: 22 fev. 2023.
- CHILCOTE, R. Transição capitalista e a classe dominante no Nordeste. São Paulo: Hucitec, 1991.
- COELHO, R. L. L. C. Política, Gestão e Cidade: política habitacional e voto em Petrolina, Pernambuco. 2007. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, 2007.
- COELHO, M. Facebook, 2020. © 2004 – 2023. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3511768208840035&set=a.865302986819917>. Acesso em: 05 abr. 2022.
- CONDEPE/ FIDEM. Publicação Anual da Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco – Produto Interno Bruto dos Municípios. Pernambuco, 2020. Disponível em: http://www.condepefidem.pe.gov.br/c/document_library/get_file?p_L_id=20012&folderId=143167&name=DLFE-532501.pdf. Acesso em: 25 fev. 2023.
- CORRÊA, R. L. Segregação residencial: classes sociais e espaço urbano. In: VASCONCELOS, P. de A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. (org). A cidade contemporânea: segregação espacial. São Paulo: Contexto, 2013. p. 38-59.
- CRUZ, P. F. de S. Reestruturação Urbana em Petrolina (PE): um olhar a partir da implantação dos Novos produtos imobiliários. 2013. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

- DELOITTE. Os poderosos do varejo global: o varejo além de todos os limites. 17. ed. Rio de Janeiro: Deloitte Touche Tohmatsu, 2014.
- DOMINGUES, R. C. A. Petrolina: crescimento urbano e intervenção do Estado. 1989. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1989.
- ELIAS, D.; PEQUENO, R. Desigualdades socioespaciais nas cidades do agronegócio. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, Belém, v. 9, n. 1, p. 25-39, 2007.
- ELIAS, D. Construindo a noção de Região Produtiva do Agronegócio. In: OLIVEIRA, H. C. M.; CALIXTO, M. J. M. S.; SOARES, B. R. (Org.). Cidades médias e região. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. p. 19-55.
- FAMÍLIAS ocupam Residencial Novo Tempo 5 em Petrolina. G1, Petrolina, 08 abr. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/2021/04/08/familias-ocupam-residencial-novo-tempo-5-em-petrolina.ghtml>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- GONZAGA, V. Em Petrolina (PE), famílias ocupam residencial e contestam sorteio da Caixa Econômica. Petrolina, 27 abr. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefatope.com.br/2021/04/27/em-petrolina-pe-familias-ocupam-residencial-e-contestam-sorteio-da-caixa-economica>. Acesso em: 12 fev. 2023.
- GOMES, E. T. A. Petrolina: emergências de uma cidade média, a tecnologia auxiliando na (re)produção do espaço urbano. In: SPOSITO, M. E. B. (org.). Cidades médias: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 609-630.
- HARVEY, D. A justiça social e a cidade. São Paulo: Hucitec, 1980.
- HARVEY, D. Espaços de esperança. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- HARVEY, D. Cidades rebeldes. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Regiões de influência das Cidades 2018. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas/15798-regioes-de-influencia-das-cidades.html?=&t=downloads> Acesso em: 18 de jul. de 2022.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Tipologia intraurbana: espaços de diferenciação socioeconômica nas concentrações urbanas do Brasil. 2017. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/17530-tipologia-intraurbana-espacos-de-diferenciacao-socioeconomica-nas-concentracoes-urbanas-do-brasil.html?=&t=acesso-ao-produto> Acesso em: 18 de jul. de 2022.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades e Estados: Petrolina. 2022 Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/petrolina.html> Acesso em: 26 abr. 2025.
- INSPIRAÇÃO Pernambuco. River Shopping: Desbravando mercados para gerar mais desenvolvimento no Sertão. Folha de Pernambuco. Recife, 15 jul. 2022. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/colunistas/inspiracao-pernambuco/river-shopping-desbravando-mercados-para-gerar-mais-desenvolvimento-no-sertao/31639/> Acesso em: 17 set. 2022.

- JOTANUNES Construtora. Cidades em atuação, 2023. Disponível em: <https://jotanunes.com/>. Acesso em: 14 jan. 2023.
- LEFEBVRE, H. L'espace: produit social et valeur d'usage. La Nouvelle Revue Socialiste, Paris, n. 18, p. 11-20, 1976.
- LEFEBVRE, H. La production de l'espace. 4. ed. Paris, Anthropos, 2000.
- LEFEBVRE, H. Espaço e política. Belo Horizonte: Edufmng, 2008.
- MERCADO de alugueis de imóveis tem crescido. GR TV 2ª ed, Petrolina, 23 mar. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/videos-grtv-2-edicao/>. Acesso em 29 mar. 2023.
- PEQUENO, R.; ELIAS, D. Estruturação urbana e questão da moradia nas cidades do agronegócio. GeoTextos, Bahia, v. l. 16, n. 1, p. 109-136, 2020.
- PEREIRA, C. S. S. A nova condição urbana: espaços comerciais e de consumo na reestruturação da cidade. Curitiba: Appris, 2020a.
- PEREIRA, C. S. S. Os Espaços do Capitalismo Global: Empresas Varejistas, Uso do Território e Transformação Urbana no Brasil. Conexão Política - Revistas Eletrônicas da UFPI, Teresina, v. 9, p. 139-165, 2020b.
- PEREIRA, C. S. S. The production of space and the transformations of contemporary capitalism: real estate strategies of retail companies. Mercator, Fortaleza, v. 19, p. 1-15, 2020c.
- PEREIRA, C. S. S. Centro, centralidade e cidade média: O papel do comércio e serviços na reestruturação da cidade de Juazeiro do Norte/CE. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) –, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2014.
- PINTAUDI, S. M. A cidade e as formas do comércio. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). Novos caminhos da Geografia. São Paulo: Contexto, 2002. p. 143-158
- POCHMANN, M.; SILVA, L. C. Concentração espacial da produção e desigualdades sociais. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, Rio de Janeiro, v. 22, p. 1-25, 2020.
- PONTES, B. M. S. Contradições, mudanças e permanências nos espaços urbanos nordestinos. In: DIAS, P. C.; SANTOS, J. (org.). Cidades médias e pequenas: contradições, mudanças e permanências nos espaços urbanos. Salvador: SEI, 2012. p. 19-46.
- PONTES, W. Prefeitura de Petrolina entrega do Residencial Novo Tempo 6 será nesta sexta-feira. Portal de Prefeitura. Petrolina, 14 ago. 2020. Disponível em: <https://portaldeprefeitura.com.br/2020/08/14/prefeitura-de-petrolina-entrega-do-residencial-novo-tempo-6-sera-nesta-sexta-feira/>. Acesso em: 15 out. 2022.
- RIVER SHOPPING. River Shopping, 2022. Disponível em: <https://www.rivershopping.com.br/>. Acesso em: 20 set. 2022.
- SALGUEIRO, T. B.; CACHINHO, H. As relações cidade-comércio. Dinâmicas de evolução e modelos interpretativos. In: CARRERAS, C.; PACHECO, S. M. M. (org.). Cidade e Comércio: a rua na perspectiva internacional. Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2009. p. 9-40.

SANTOS, M. A natureza do espaço. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, v. 54, p. 81- 99, 1977.

SANTOS FILHO, A. M. Desigualdade e diferenciação socioespacial em cidades médias do sertão do São Francisco: Juazeiro (BA) e Petrolina (PE): formação socioespacial e meio técnico-científico-informacional. 2021. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

SANTOS FILHO, A. M. Juazeiro (BA) e Petrolina (PE) - cidades médias fronteiriças no Sertão do São Francisco, Brasil. Terr@ Plural, Ponta Grossa, v. 14, p. 1-21, 2020.

SECCHI, B. A cidade dos ricos e a cidade dos pobres. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.

SISTEMA DE GERENCIAMENTO DE HABITAÇÃO. Gov.b, 2021. Minha Casa Minha Vida 2009 - 2020. Disponível em < <http://sishab.mdr.gov.br/>>. Acesso em: 17 nov. 2022

SINGER, A. Os sentidos do lulismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SMITH, N. Desarrollo desigual: naturaleza, capital y la producción del espacio. Madrid: Traficante de Sueños, 2020.

SPOSITO, M. E. B. Multi(poli)centralidade urbana. In: SPOSITO, E. S.; SANT'ANNA NETO, J. L. (org.). Uma Geografia em movimento. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 199-228.

SPOSITO, M. E. B. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: VASCONCELOS, P. A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. (org.). A cidade contemporânea: segregação socioespacial. São Paulo: Contexto, 2013. p. 61-93.

TURRA NETO, N. (Org). Geografias da Noite: exemplos de pesquisas no Brasil. São Paulo: Editora da Unesp, 2021.

URBAN SYSTEMS. Melhores cidades para fazer negócios. São Paulo, 14 ago. 2021. Disponível em: <https://www.urbansystems.com.br/melhorescidadesparanegocios>. Acesso em: 20 dez. 2021.

VILLAÇA, F. Espaço intra-urbano no Brasil. São Paulo, Nobel, 2009.

WRIGLEY, N. Retail geographies. In: KITCHIN, R.; THRIFT, N. (ed.). International Encyclopedia of Human Geography. Oxford, UK: Elsevier, 2009. p. 398-405.